

claudio.magnavita@gmail.com

MAGNAVITA

@colunamagnavita

PINGA-FOGO

■ A DIREITA BRASILEIRA ESTÁ SE ACOSTUMANDO A PERDER PARA SI PRÓPRIA - A direita brasileira é antropofágica. Enquanto os tupinambás devoraram os adversários, boa parte da direita pratica o canibalismo com seus próprios membros. Falta projeto político que sobreponha aos interesses individuais. Agora, após a ida de Flávio Bolsonaro para os Estados Unidos, ela começa a ser praticada com requintes de crueldade.

■ Uma parte das lideranças critica a sua saída para o exterior e outra age como incendiária. Quem se sente abandonado, se une ao bloco daqueles que querem assumir o comando da direita, sem ter um Bolsonaro à frente. A outra está preocupada com a perda do seu "boi de piranha" e teme ser escalada para o papel punitivo promovido pela esquerda.

■ Quem aplaude a ida para o exterior, sabe que Flávio Bolsonaro não será calado por medidas restritivas e vai ligar o megafone internacional. Só que correm o risco de errar o tom. Exagerar o cenário eleitoral até assumir uma postura caricata, que dificulta até a exposição das arbitrariedades de quem está no poder e, principalmente, fulanizar uma perseguição concreta, como a suspensão dos passaportes sincronizados com o resultado da operação.

■ A comunidade internacional começava a perceber a perseguição com esta decisão abrupta contra um senador da República e um candidato que acabava de receber 60 milhões de votos, quando surge uma carta na qual Flávio Bolsonaro assume o papel de Presidente Eleito do Brasil. Diminuiu o impacto da primeira notícia, que seria muito mais eficaz e justificaria a saída, sem expor um radicalismo que carece de provas concretas sobre a fraude nos resultados. É exatamente este radicalismo que afasta os eleitores e partidários mais moderados.

■ OS ERROS DA DIREITA BRASILEIRA QUE NÃO APRENDEU COM SEUS ERROS - A antropofagia da direita brasileira faz com que ela, pela segunda vez, perca uma eleição presidencial para ela mesma. Em 2022, o grande erro foi optar por uma vice que agradaria os moderados. O nome da hoje senadora Tereza Cristina foi defenestrado. Atrairia o eleitorado feminino e daria uma leveza à chapa do próprio Jair Bolsonaro. A escolha do general Braga Netto foi a pior possível e colocou os militares no olho de um furacão. Deu no que deu. A vitória escorregou nas mãos — e por muito pouco. Além da ex-ministra, outros nomes estavam disponíveis e foram desperdiçados em uma decisão unipessoal.

REPRODUÇÃO



Dirijo-me ao povo brasileiro e à comunidade internacional como o verdadeiro presidente eleito do Brasil.

Antes de mais nada, queria agradecer ao Presidente Milei, pela coragem, senso de justiça e lealdade, ao Presidente Trump e ao maravilhoso povo americano por me acolher. Essa é uma terra de liberdades e irmãos que comungam dos mesmos valores das boas pessoas do meu país. O Presidente Trump é um grande defensor da liberdade de expressão.

No rolo de domingo, vi estarrecido uma fraude eleitoral se concretizar diante dos meus olhos. A atuação ilegítima e ilegal do ex-advogado do Lula permitiu que uma impossibilidade matemática se concretizasse e Lula acrescentasse mais de 10 milhões de votos do primeiro para o segundo turno. Uma decisão do STF, tomada por cima da competência do TSE, estendeu a votação no apagar das luzes, e a ordem só chegou depois do fim do horário legal, quando as urnas já estavam encerradas. Eleitores ficaram submetidos a regras diferentes. Até agora, o TSE se limitou a defender a prorrogação do horário e não há sequer uma única resposta crível. E as ruidades não são o único problema. Ao longo de toda a campanha, houve abuso de poder político, econômico e uso da máquina pública em favor da reeleição. São fatos graves, expressamente vedados por lei, que justificam a cassação da chapa Lula-Alckmin.

A resposta do regime ao meu questionamento veio rápida. Como num plano previamente elaborado, sete minutos após essa repugnante fraude eleitoral, o juiz, implicado em um enorme escândalo de corrupção, diretamente citado no inquérito que veio para tentar sequestrar meus passaportes, e que muito provavelmente estaria preso, se eles não tivessem impedido a minha posse, pôs em andamento a máquina de perseguição política do regime. Sendo impedido de origem e completamente suspeito para iniciar qualquer procedimento judicial contra mim, a sua mera participação em atos processuais mostra o tamanho da arbitrariedade e ilegalidade em andamento.

Não era minha intenção deixar minha pátria, mas eu sei exatamente onde isso vai dar. Isso é o manual clássico de qualquer golpe de Estado. A perseguição política que começou com meu pai, o ex-presidente Jair Bolsonaro, e se espalhou para milhares de outros brasileiros patriotas comuns e até mesmo cidadãos americanos, têm um único objetivo: silenciar qualquer pessoa que não concorde com o regime de exceção instaurado no Brasil, através de uma Suprema Corte aparelhada pela organização criminosa petista.

Para deixar claro, não existe nenhum mandado de prisão contra mim, porque eu não cometi nenhum crime. O que existe é uma caça às bruxas politicamente motivada, que visava me colocar como refém e objeto de chantagem para proteger os juízes corruptos da Suprema Corte do

■ Com Flávio Bolsonaro, os mesmos erros foram cometidos. O maior deles foi defenestrar, até com requintes de humilhação, o nome do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas. Ninguém duvida, e nem a oposição, que a vitória seria no primeiro turno. O espírito antropofágico funcionou a todo vapor e a escolha unipessoal de um sobrenome Bolsonaro era a solução.

■ Não há dúvidas que a persona que surgiu como candidato foi bem diferente do senador que termina agora o seu mandato. O problema foi não livrar o atual candidato do peso do seu passado e de algumas acusações de traquinagens, algumas tão bobas, mas que foram revividas pelo candidato de oposição.

■ A figura de um candidato preparado, moderado, que empolgou as ruas com uma jovialidade eletrizante, não foram suficientes para deletar as acusações que agora ganham corpo após o resultado. A narrativa do PT não era sobre o futuro governo, mas uma desconstrução, usando um mosaico de pequenos fatos que foram traduzidos em um rótulo injusto, como o de "miliciano", por exemplo. Só que a campanha foi incapaz de combater. Ninguém grunhiu quando Lula chamou o candidato da direita de "miliciano" em debate e em entrevistas. Não houve reação corajosa contra as medidas eleitoreiras. O medo de contrariar as opiniões das massas que se beneficiavam levaram até a legitimá-las com votos no Congresso. O fim do 6 x 1 foi aprovado por unanimidade. Da mesma forma, o aumento eleitoreiro do Bolsa Família.

■ Ao deixar de ser vítima, a soberba presidencial de Flávio ofusca verdades que merecem reflexões.

■ Ao começar sua carta original com a frase "Dirijo-me ao povo brasileiro e à comunidade internacional como o verdadeiro presidente eleito do Brasil", Flávio Bolsonaro cometeu um erro fatal. A partir daí, os fatos relevantes foram contaminados. Deixou de ser vítima para subir em um pódio que pode ser contestado. Ele tentou corrigir, mas ela já estava distribuída com a frase intrujara por um desastrado colaborador. Há, porém, fatos relevantes que merecem ser descontaminados por este tom soberbo.

■ É verdade quando ele afirma que "a perseguição política que começou com meu pai, o ex-presidente Jair Bolsonaro, e se espalhou para milhares de outros brasileiros patriotas comuns e até mesmo cidadãos americanos, têm um único objetivo: silenciar qualquer pessoa que não concorde com o regime de exceção instaurado no Brasil, através de uma Suprema Corte".

■ É verdade, ainda, quando o senador Flávio Bolsonaro afirma: "para deixar claro, não existe nenhum mandado de prisão contra mim, porque eu não cometi nenhum crime. O que existe é uma caça às bruxas politicamente motivada, que visava me colocar como refém e objeto de chantagem para proteger os juízes corruptos da Suprema Corte do impeachment".

■ Uma pena que a frase inicial ofusque trechos lúcidos quando afirma: "eis o roteiro da perseguição: apreensão de passaporte, tornozeleira eletrônica, censura, prisão domiciliar, julgamento de fachada e, finalmente, condenação política."

■ Não vou submeter minha família a isso e meu país não merece passar novamente por este vexame internacional. Diante da instrumentalização política da Justiça no Brasil, trouxe minha família para os Estados Unidos, onde estamos em segurança."

■ E também merece reflexão quando Flávio Bolsonaro escreve: "quero deixar claro: não fugi do Brasil, eu saí pelo Brasil, saí de um regime de exceção para poder ser o líder que o meu povo merece, pois calado, preso e censurado, como meu pai está, eu não poderia ser essa liderança e seríamos entregues ao teatro institucional de uma oposição castrada e controlada pela Suprema Corte repleta de serviçais do regime."

■ Em um debate televisivo, o atual presidente da República, falando como candidato, ameaçou, sem meias palavras, o oponente quando fazia alusão a sua perda de imunidade com fim do mandato. Quem da direita se levantou contra a fala absurda e ato falho que revelava o que viria por vir? De quem era a Polícia Federal que depois de sete minutos do anúncio da vitória pediu a suspensão do passaporte?

■ O FIM DO LULINHA PAZ E AMOR VAI GERAR NOVOS ALVOS - Os efeitos colaterais dos fatos envolvendo Flávio Bolsonaro nos últimos dias merecem uma ação emergencial para proteger a reação destes movimentos, principalmente para os que ficam.

■ Ficou claro que o 'Lulinha Paz e Amor' é coisa do passado. Ele foi soterrado na campanha e a contenção que se esperava após a vitória nas urnas foi descartada com o cenário criado neste pós-eleitoral, que joga mais água quente na fervura.

■ O temor é que, deixando de ser "boi de piranha", as operações da Polícia Federal passem a ter novos alvos. Vai ser necessário construir uma narrativa para evitar o rótulo de governo e STF perseguidor.

■ INTERVIR NO RESULTADO DO RIO SERÁ VALIDAR AS ACUSAÇÕES DA CARTA DE FLÁVIO BOLSONARO - Se o Governo Federal endossar novas intervenções nos resultados eleitorais e tentar patrocinar uma intervenção nos resultados proclamados pela justiça eleitoral, na sua instância máxima, como o caso do Rio, estará contribuindo para a narrativa de golpe e intervenção em resultados das urnas.

■ Provocar um segundo turno do Rio, depois de uma decisão impecável do Tribunal Superior Eleitoral, será o maior tiro no pé do Governo Lula e do STF. O Rio é o mais internacional dos estados brasileiros e contrariar a própria justiça eleitoral terá repercussão planetária. A partir deste ponto, estará validando os tons mais radicais da carta do senador Flávio Bolsonaro.